

A ALMA DO OUTRO MUNDO¹

Anônimo²



[3]³ Ó tempos em que eu ouvia as histórias que me contava uma preta de meu pai, quando nos queria adormecer a mim e meus irmãos! Lembro-me de vós com saudades, e a não ser as grandíssimas surras com que me brindava minha boa mãe em paga das travessuras que eu fazia, por que — de passagem seja dito — eu era um rapazinho travesso, bem desejaria voltar a eles, ainda que fizessem pouco caso de mim, como acontecia então, me [4] chamassem fedelho, e me fizessem retirar da sala quando se falava em certas coisas que não era permitido ser ouvido por crianças: disso bem pouco me importo, mas as surras... As surras... Não as quisera agora nem que me dessem um doce. Pois nesses belos tempos em que eu ceava e dormia as Ave Marias, me contou a Bernardina — assim se chamava a preta — uma história horrível, infernal: ela me afirmava ser verdadeira e que havia acontecido na mesma vila em que eu nasci e nas vizinhanças da casa em que morávamos. Famoso narcótico para as crianças é o medo: eu ouvia a

¹ ANÔNIMO. A alma do outro mundo. *Gabinete de Leitura*, Rio de Janeiro, n. 10, p. 3-5, 15 de out. de 1837.

² **Nota de Tênebra.** A narrativa foi assinada como “Colaboração do Gabinete”. Supomos que seja de autoria do escritor Josino do Nascimento Silva, editor do jornal.

³ Os números entre colchetes correspondem aos números das páginas da referência.

história, cobria a cabeça e dormia sono de inocente que era e sou em que pese a meus inimigos.

Reminiscências confusas me ficaram dessa história, e quando chegou o tempo em que eu podia indagar e fazer meus entes de razão, consegui uma explicação do fato, desfigurado na história da Bernardina; – mas coitada! não era ela que a havia adulterado, mas sim a maldita tradição que nos dá mentiras por verdades. Eu vou contar o que ouvi a Bernardina: as mães que tiverem filhos em menor idade a decorem, para contar a seus filhinhos, por que, por experiência própria, conheço que não há melhor cantilena, nem tu-tu-ru-ru mais acalentador do que este.

Na vila em que nasci (que importa o nome?) havia um homem que tinha má reputação entre a gente da terra; diziam que ele tinha pacto com o demônio, que era Judeu, que guardava o sábado, e até diziam, aqui o digo em segredo, diziam que ele era pedreiro livre, e como tal falava com Satanás à meia noite, açoitava a imagem de Nosso Senhor Jesus Cristo, e fazia outras diabólicas profanações. Ninguém lhe conhecia amigos, não se sabia o que ele comia, coisa extraordinária em uma vila, enfim todos se esconjuravam quando ele passava e faziam o sinal da cruz. O certo é que pelas informações que tirei deste indivíduo, ele não passava de um avarento. Fez uma viagem e como por lá ficasse por mais tempo do que devia viver, todos o tiveram por morto e o juízo de ausentes, sempre vigilante na arrecadação dos bens de ausentes, foi tomando conta da casa e dos postríssimos e antiquíssimos trastes que a adornavam. Foram os trastes postos em praça, mas ninguém os comprou, que todos temiam que o diabo os tivesse tocado: a casa e os trastes não acharam comprador e menos quem as arrendasse. Logo que escurecia, o quarteirão em que estava situada a casa ficava deserto, ninguém

passava por ali, — que todos temiam ver a alma do Judeu montada pelo diabo.

Ah! tempos de fé viva! Hoje qualquer um venderá sua alma pelo menor donativo do diabo!

Correram os anos, os homens disseram que estavam iluminados, pouca gente se lembrava já do maldito pedreiro livre; o juízo de ausentes aproveitou a ocasião e pôs de novo em almoeda a casa que havia herdado: um estrangeiro a comprou. Este ato faz lembrar a algumas velhas quanto sabiam àquele respeito. Todos os habitantes da vila estremeceram, o estrangeiro se riu e tratou-os por supersticiosos; — também não houve epíteto afrontoso que lhe não dessem, e assim ficaram todos bem pagos.

Por si mesmo reconheceu o estrangeiro que não devia zombar tão cruelmente das crenças daquele povo pacífico. Um quarto havia na casa, que por alguma coisa arruinado, e por não haver dele precisão, ficou abandonado, e apenas nele se guardava algum traste reformado por sua velhice. Passaram-se quatro dias, e o estrangeiro se dava a si mesmo os parabéns pela bela aquisição que fizera por tão diminuto preço; a todos contava o grande negócio e dizia que só um defeito encontrava na casa, eram alguns milhares de ratos que dela se haviam apossado, e que julgavam pouca cortesia a maneira violenta porque os faziam despejar tendo eles por si a prescrição. Todos o felicitaram por isso, mas havia certa repugnância nessas felicitações, certa incredulidade de que gozasse felicidade quem morava em tal casa.

A noite do quinto dia se ia passando com as precedentes: chovia muito e em alguns lugares da casa a compassada queda de gotas d'água convidava a dormir os que não tinham medo, e aos que o tinham em nada

era agradável essa música. Dá meia noite; a casa fica quase defronte de uma igreja antiga, em cujas torres se aninhava um bando de corujas: duas ou três soltaram pios agudíssimos no mesmo momento em que o relógio da igreja deu horas; e então sentiu-se na casa do estrangeiro uma bulha como o piso de alguém que se aproxima com precaução, e finalmente abriu-se com grande estrondo uma porta. A mulher do estrangeiro deixou sair do peito um gemido sufocado, e entre ela e seu marido houve o seguinte colóquio:

— Não ouviste, marido?

Ele bem tinha ouvido, mas queria mostrar que era tudo tão pouca coisa que o não acordara.

— O que? — perguntou ele.

— Não ouviste piarem todas as corujas da torre vizinha, as passadas que aqui em casa dava alguém, e o rumor que se fez para abrir a porta?

— Não ouvi nada. É susto teu, não penses nisso e dorme.

Nesse tempo, ouviu-se uma voz rouca, que vinha do interior da casa, e essa voz dizia:

— Que padecer! que penar!

— Ouviste, ouviste agora, marido.

— Eu vou ver o que é.

— Não, marido, não. Seja o que for, não te arredes daqui.

— Não sei o que pense... Tudo isto é ilusão, são os ratos que fazem esta bulha.

— Ratos... Permita Deus que assim seja— e foi pegando logo no seu rosário e rezou sete coroas em honra e louvor da Mãe Santíssima das Dores, outras sete pelas benditas almas, enfim não houve santo que ela recordasse

que não ganhasse a sua coroa, até que amanheceu o dia sem mais nada se ouvir, além das pisadas que soaram de novo pela casa.

O marido pensou que tendo-se aberto a porta e não se tendo fechado devia ter ficado aberta e foi por isso observar qual seria a porta. Correu toda a casa e todas as portas estavam bem fechadas por dentro, a exceção da do quarto abandonado, que achou aberta, mas tudo estava em seu lugar, e ele atribuiu isso a desleixo dos escravos ou criados.

Todas as noites seguintes houve o mesmo rumor, o mesmo medo. Ninguém sabia a que devia atribuir essas aparições noturnas, e mesmo o estrangeiro, apesar de sua valentia, não se animava a ir indagar e examinar o que lhe trazia à casa tanto susto e terror, e apenas proibiu expressamente a gente da casa que falassem em tal. Todavia de tudo se soube: o povo de novo desertou aqueles bairros, de novo se contaram histórias extravagantes. Uns diziam que tinham visto o antigo proprietário vir pelo ar, cair sobre a casa e entrar por entre as telhas; outros afirmavam a mesma coisa, e acrescentavam que o diabo o escoltava, martirizando-o. Enfim todos conjecturam; o estrangeiro persistia em morar na casa, e toda sua família emagrecia a olhos vistos. As autoridades tomaram o caso em grosso; veio o juiz ordinário com seus oficiais de justiça, indagou, examinou, perguntou e por fim decidiu que o caso não era temporal mas eclesiástico, e mandou chamar o vigário. Ora, o vigário era homem que acreditava em feitiços, quebrantos, encantamentos etc., e depois de haver feito suas indagações em presença do juiz ordinário, benzendo-se a cada pergunta que fazia, decidiu que devia o quarto ser benzido, e para se fazer a cousa com mais solenidade, veio ele com a cruz alçada e mais prataria com suas vestes ricas, — tudo isto se entende à custa do estrangeiro, — e principiou o exorcismo, demorando-

se muito tempo no quarto em que havia o rumor. Direi que o estrangeiro não desejava dar-se em espetáculo à população da vila, mas como o juiz ordinário o ameaçasse com cadeia e carregá-lo de ferros, esteve por tudo.

No fim de tudo, o vigário assegurou ao estrangeiro que nada mais devia temer, porque havia com o exorcismo afugentado o diabo bulhento, mas ele não acreditou muito no que lhe dizia o vigário e esperou pela noite.

Dava meia noite e parece que se desencadeou em casa uma legião de diabos; arrastavam-se correntes, agudos lamentos se ouviam; tudo anunciava que se era o diabo o autor daquela graça, mais se havia assanhado com o exorcismo, gritava a mulher:

— Mudemo-nos daqui.

— Nunca, não se dirá que corri sem ver de quê. Dou ao diabo o quarto onde ele faz suas orgias noturnas, mas protesto que se ele avançar um passo, comigo se haverá.

Parece que o diabo o ouviu, e aceitou o presente porque a bulha continuava, mas nunca saiu do lugar em que pela primeira vez representara.

Passaram-se os tempos: a bulha era sentida todas as meias noites em ponto, e como [5] nada há a que se não acostume a gente, o estrangeiro e sua família se acostumaram àquele rumor de todas as noites, e já mesmo de manhã não iam examinar o quarto e só havia o cuidado de fechá-lo. O povo da vila tinha perdido o medo; apenas alguma velha rabugenta se lembrava de ralar do que presenciava, acrescentando que o estrangeiro vendera sua alma ao diabo para que ele lhe não fizesse mal; todos os mais diziam que a casa era infestada por um diabo de bom gênio.

Tinha o estrangeiro um filho que ficara na corte empregado no serviço militar, e que nunca fora à casa paterna depois que seu pai se

estabelecera na vila de que falei. Obteve consentimento de seu pai para casar-se e depois de contraído o matrimônio pediu licença por alguns meses e foi visitá-lo com sua esposa. Apenas chegou, logo lhe contaram o que acontecia em casa: ele admirou-se de que seu pai não quisesse saber o que era que o incomodava todas as noites, e com a franqueza de militar foi sem cerimônia chamando o pai de fraco, e prometeu saber que diabo vinha todas as noites fazer bulha em casa.

A mãe assustou-se, a mulher ainda mais, e ambas tentaram desviá-lo de tal empenho; mas ele inflexível a nada cedeu, e mandou que lhe fizessem a cama no quarto do diabo.

Quando chegou a hora de recolher fizeram-se novas tentativas, que não puderam abalar a resolução do mancebo. Aprontou suas pistolas, examinou a espada e com estas armas e com um candeeiro se foi deitar e esperar o diabo, enquanto toda a gente da casa lhe ficou rezando pela alma, que já o contavam por morto.

Dizem-me que o mancebo depois de se deitar pensara mais a sangue frio no seu projeto e estivera quase a arrepender-se, mas o demônio da coragem lhe mostrou a vergonha e desonra de tal arrependimento, e ele fez boa cara ao perigo que lhe estava iminente. Ora, eu confesso que se fosse ele não me meteria em tão arriscado passo, mas nem sou valentão, nem militar, e por isso não há razão de espanto de qualquer meu procedimento.

Eram onze horas: e o som do sino da igreja que as havia dado ressoava ao ouvido do mancebo como o dobre de finados. Essa longa hora que mediava parecia um século; ansioso ele esperava pela meia-noite e desejava ao mesmo passo que tal hora não houvesse aquela noite — como a noiva que deseja o momento do sim e não quer que ele chegue. De vez em

quando ressonava um preto, ou se mexia um rato e o mancebo sobressaltou-se.

Enfim a hora soou — que os relógios e máquinas brutas não se importam com os desejos dos homens e seguem seu impulso — e como sem dúvida o diabo não precisa de relógios para saber as horas, pouco se lhe dava que eles parassem todos. Deu meia-noite, e daí a pouco ouviu-se o pisar, como de um homem que arrasta uma espada. Os passos se foram aproximando do quarto do diabo: o moço saltou fora da cama, e, pensando que estava de sentinela, gritou:

— Quem vem lá?

O pacífico — é de paz — não foi respondido, e continuaram as passadas e a espada continuou a arrastar-se.

— Quem vem lá? — perguntou de novo o mancebo; mas ou fosse medo, ou fosse sono, ou por qualquer outro motivo, apagou-se-lhe o candeeiro, e ele não viu mais nada em torno de si, e apenas ouvia o som das passadas, e o tinir da espada.

Felizmente o mancebo estava prevenido para este acidente: logo pegou na pedra, fuzil e isca, petiscou fogo mas não acendeu o candeeiro. O medo não lhe havia permitido que o fizesse com tanta presteza quanto era necessária.

Quem quer que era entrou no quarto às escuras, deu alguns passos e depois ouviu-se um estrondo como de um corpo que caía. O mancebo, logo que sentiu que entravam, encostou-se à parede, engatilhou a pistola e esperou que se dirigissem para ele. Tudo se calou por alguns minutos: o mancebo animou-se, petiscou fogo de novo, e conseguiu acender o

candeeiro. Então ele ouviu uma voz lamentosa que lhe gelou o coração e o fez ficar imóvel no meio do quarto.

— Foste à África... Dizia-se, e aí os antropófagos te comeram as carnes, e deixaram os ossos insepultos... Foste para África para pagar pecados... Ninguém mais te devia ver...

— Quem é que está lá? — perguntou o jovem militar.

— Tu os pagarás...

O mancebo correu para o lugar de onde partia a voz e viu de joelhos... Joanna, a criada de seu pai, inteiramente nua e tendo na cintura uma espada velha de seu pai.

— Que fazes aqui Joanna? que vieste buscar? Joanna abriu os olhos, encontrou os do mancebo, e deitou a fugir pelo quarto fora.

Todos acordam: há grande alvoroço em casa, indaga-se do fato: Joanna tinha um primo extravagante, que foi à costa d'África e lá morrera, e Joanna... Era sonâmbula.



FICHA TÉCNICA

Coordenação geral: Júlio França e Oscar Nestarez
Coordenação de pesquisa: Daniel Augusto P. Silva
Revisão textual: Amanda Marinho e Arthur Dias Fontes
Preparação: André Azevedo de Alvarenga, Larissa Adur, Rosane Velloso e Sora Maia Souza
Design gráfico e redes: Renata Luz e Ana Giulia Mussury

Tênebra

Biblioteca digital de
narrativas obscuras
brasileiras

